

Universidade de São Paulo
Escola de Engenharia de São Carlos - EESC
Departamento de Engenharia de Produção

Cartilha para Apresentação do Mercado de Capitais ao Jovem Investidor

João Pedro Neves Ferri

São Carlos-SP

2018

João Pedro Neves Ferri

Cartilha para Apresentação do Mercado de Capitais ao Jovem Investidor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Engenharia de Produção Mecânica.

Orientadora: Prof. Associada Daisy A. N. Rebelatto

São Carlos-SP

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidato: João Pedro Neves Ferri
Título do TCC: Cartilha para Apresentação do Mercado de Capitais ao Jovem Brasileiro
Data de defesa: 28/11/2018

Comissão Julgadora	Resultado
Professor Associado Daisy Aparecida do Nascimento Rebelatto (orientador)	Aprovado
Instituição: EESC - SEP	
Professor Doutor Kleber Francisco Esposto	Aprovado
Instituição: EESC - SEP	
Pesquisador Guilherme Roiz	Aprovado
Instituição: EESC - SEP	

Presidente da Banca: **Professor Associado Daisy Aparecida do Nascimento Rebelatto**

RESUMO

FERRI, J. P. N. **Cartilha para Apresentação do Mercado de Capitais ao Jovem Investidor**. Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.

O contexto atual do mercado de ações brasileiro é incipiente no que se refere ao número de investidores cadastrados na Bolsa de Valores – apenas 0,3% da população. Esse índice fica ainda menor ao se considerar que nem todos que têm cadastro na Bolsa estão ativos, investindo regularmente. Nesse cenário, propõe-se uma análise dos motivos pelos quais jovens não investem em ações, pois possuem um grande horizonte de expectativa de vida, e podem aproveitar a liquidez e os positivos retornos dessa modalidade de investimentos para criar, ao longo do tempo, um patrimônio que o permita ter mais conforto no futuro. O objetivo da pesquisa, portanto, foi formular uma cartilha para apresentar o mercado acionário ao jovem investidor, principalmente para o investimento de longo prazo – acima de 5 anos. Assim, realizou-se o levantamento de conceitos importantes para a apresentação do panorama do investimento em ações, suas abordagens e operações, e elaborou-se um questionário estruturado, que investigou os estímulos e as dificuldades encontradas por jovens de até 30 anos nesse tipo de aplicação financeira. Os resultados apontam que as pessoas avaliadas sentem falta de conhecimento sobre o mercado de capitais e têm uma percepção exagerada sobre o risco que este representa. A partir da dificuldade identificada criou-se, então, uma cartilha com os principais conceitos levantados, um passo-a-passo de como operar no mercado acionário e algumas orientações (com indicadores) de como avaliar oportunidades na Bolsa de Valores. Por fim, ressaltou-se a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema, além da disseminação de conhecimento sobre educação financeira e finanças comportamentais para jovens, no país.

Palavras-chave: ações, investimentos, cartilha, introdução ao mercado acionário, indicadores fundamentalistas

ABSTRACT

FERRI, J. P. N. **Guidebook to Present the Capital Market to Young Investors.** Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.

The recent context of the Brazilian stock market is incipient, concerning the number of investors registered in the Stock Exchange – just 0.3% of the population. This index gets even smaller, when one considers that not every person who is registered in the Stock Exchange market are active, regularly investing. In this panorama, an analysis of the reasons why young Brazilians do not invest in stocks is proposed, because they have a large horizon of life expectancy, and can take advantage of the liquidity and the positive returns of this investment option to create, throughout a long period, a heritage that allows them to have a more comfortable life in the future. The objective of the research paper was, therefore, to elaborate a guidebook for young investors, to present the stock market to them. Thus, a research was conducted on the most important concepts to present the stock market, the existing investment approaches and operations, and a structured questionnaire was elaborated, to investigate the main stimuli and difficulties found by young Brazilians (up to 30 years old) in this type of investment. From the results, it was clear that the evaluated people feel a lack of knowledge about the capital market and that they have an exaggerated perception of the risks that it presents. A guidebook was, then, created with the main concepts found, a step-by-step guide on how to operate in the stock market and some orientations (and indicators) that help assess opportunities in the Brazilian Stock Exchange. In the end, the need for more profound studies on this matter was emphasized, as well as the necessity to disseminate knowledge about financial education and behavioural finances to young people in the country.

Keywords: stocks, investments, guidebook, introduction to the stock market, fundamentalist indicators

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Retorno real anualizado (%) de ações (“equities”) versus títulos (“bills” e “bonds”), no período de 1900-2017, em cada um dos 16 países avaliados.....	4
Figura 2 – Evolução da Taxa Selic (a.a.).....	5
Figura 3 - Fluxograma com descrição das etapas de trabalho, para confecção de cartilha informativa.....	7
Figura 4 – Retorno real anualizado (%) do mercado de ações de 16 países e do mundo (“Wld”), considerando diferentes espectros temporais.....	14
Figura 5 – Esquema de um Balanço Patrimonial (BP).....	15
Figura 6 – Estrutura de uma Demonstração do Resultado do Exercício (DRE).....	16
Figura 7 – Comparação de Indicadores entre Vivo Telefônica (VIVT4) e Tim Participações (TIMP3).....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diferenças entre Ações Ordinárias e Preferenciais.....	23
Tabela 2 – Análise de Indicadores da Vivo Telefônica (VIVT4).....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2. 1 INVESTIMENTO.....	8
2. 2 MERCADO DE CAPITAIS E AÇÕES.....	10
2. 2. 1 Indicadores Fundamentalistas.....	14
2. 3 BOLSA DE VALORES.....	19
3 RESULTADOS	21
3.1 CARTILHA: APRESENTAÇÃO DO MERCADO DE AÇÕES AO JOVEM BRASILEIRO.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE A.....	38

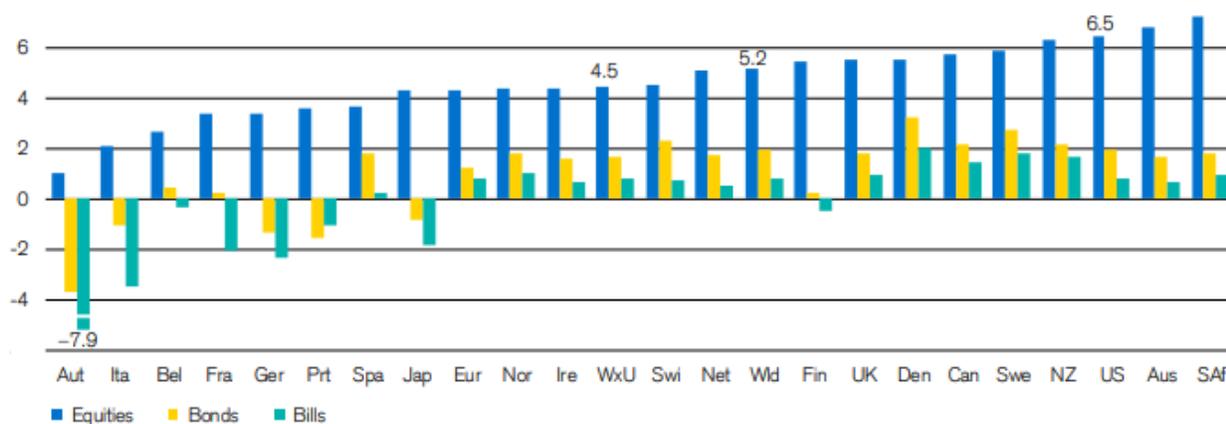
1 INTRODUÇÃO

O Brasil, nas últimas décadas, apresentou um cenário de juros altos, em relação a outras nações. Conforme estudo da Infinity Asset Management (2017), em julho de 2017, o Brasil ficou em segundo lugar no *ranking* das 40 maiores taxas de juros nominais entre os principais países do mundo. De 2014 a 2017, a taxa do Sistema Especial de Liquidação e Custódia (SELIC) esteve em um patamar acima de 10% a.a., segundo dados do Banco Central do Brasil (2018), enquanto os EUA, por exemplo, praticavam taxas abaixo de 1,5% a.a., de acordo com a instituição Trading Economics (2018). Esses altos juros permitiam que os pequenos investidores brasileiros pudessem encontrar produtos com taxas bastante atraentes na renda fixa, sem precisar entrar no risco da renda variável.

Além disso, diversos estudos comprovavam maiores retornos na renda fixa, em relação à renda variável, como o de Martini (2013), em que se verificou que investimentos como o CDI apresentaram melhores rendimentos que o índice Bovespa de 2010 a 2011. Contudo, esses trabalhos, tipicamente, envolvem um curto período de tempo (1 a 2 anos), e utilizam o IBOVESPA como referência do investimento de renda variável. Argumenta-se, então, que o índice Bovespa é bastante concentrado em poucas empresas e em setores cíclicos de mercado – o que não representa adequadamente o mercado acionário (WAINBERG, 2018).

Por outro lado, Dimson, Marsh e Staunton (2018) estudaram o mercado de ações e títulos de 16 países, pelo período de 118 anos (1900-2017), e concluíram que, em todos os países avaliados, ações (*“equities”*) vencem os títulos (*“bills”* e *“bonds”*) em rentabilidade no longo prazo, conforme se verifica na Figura 1.

Figura 1 – Retorno real anualizado (%) de ações (“*equities*”) versus títulos (“*bills*” e “*bonds*”), no período de 1900-2017, em cada um dos 16 países avaliados



Fonte: Dimson, Marsh e Staunton (2018)

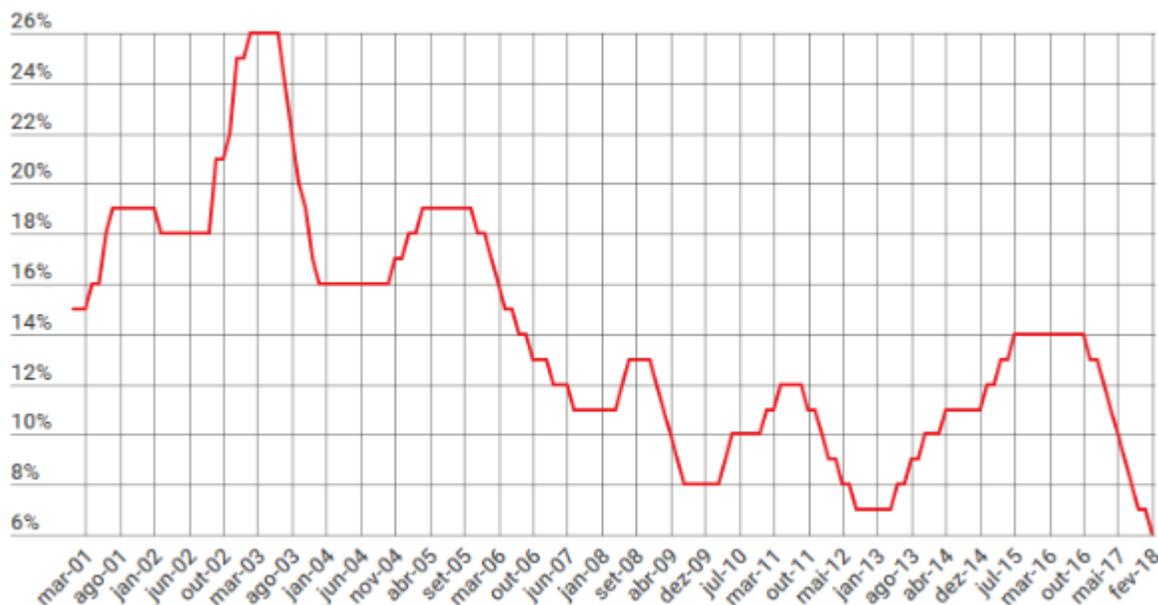
A partir da metade de 2017, a SELIC vem sendo reduzida nas reuniões do Comitê de Política Monetária (COPOM) e, em março de 2018, a Taxa Meta atingiu o menor nível histórico, em 6,50% a.a., conforme registrado na Ata da 213ª Reunião do COPOM do Banco Central do Brasil, de março de 2018. Com isso, atualmente, o pequeno investidor precisa buscar alternativas com um pouco mais de risco, a fim de encontrar melhores retornos para sua carteira de investimentos. Uma ótima opção, nesse caso, é o mercado de ações.

Larghi e Cotias (p. 1, 2018) corroboram essa visão, afirmando que

A redução da Selic, de 14,25% para 6,5% ao ano de outubro de 2016 para cá incentivou os investidores locais a assumir mais riscos. Em 2017, a queda dos juros, a alta da bolsa e a valorização do real premiaram esse comportamento. (...) mesmo que a taxa básica fique estacionada em 6,5% ou suba para 7% ou 8%, ainda haverá migração para ativos de maior risco.

A Figura 2 demonstra, de forma visual, essa redução que vem acontecendo na taxa Selic, nos últimos anos. Pode-se notar que esta esteve, na maior parte do período representado no gráfico, acima de 10% a.a., e é também evidente que há uma tendência de redução no patamar da principal taxa balizadora de juros do país.

Figura 2 – Evolução da Taxa Selic (a.a.)



Fonte: Banco Central (2018)

Para que as pessoas consigam investir no mercado de capitais, devem conhecer os riscos, as oportunidades e como selecionar os melhores investimentos. Atualmente, uma ínfima parcela da população brasileira tem conhecimento sobre essa modalidade de aplicação financeira, o que resulta no fato de que apenas 0,3% dos brasileiros têm cadastro na B3, a bolsa de valores brasileira. Para efeitos comparativos, 54% das residências (*households*) nos EUA possuíam ações em 2017 (PISANI, 2017).

Amorim et. al (2018) avaliou universitários ligados a áreas de negócios e constatou que existe relação positiva entre o nível de educação financeira destes com sua participação no mercado acionário brasileiro. Assim, acredita-se que é necessário criar e divulgar material informativo sobre o mercado de ações, para democratizar essa modalidade de investimentos que gera riqueza e desenvolve a economia do país. Segundo Assaf Neto (p. 69, 2010),

O mercado de Capitais possui um papel muito importante no processo de desenvolvimento econômico. É o grande municiador de recursos permanentes para a economia, à medida que efetua a ligação entre os que têm capacidade de poupança, ou seja, os investidores, e aqueles carentes de recursos no longo prazo, ou seja, que apresentaram déficit de investimento.

Também se considera importante enfatizar a relevância de se criar uma mentalidade de longo prazo ao investir na bolsa de valores, de modo a obter resultados interessantes, como demonstrado no estudo de Dimson, Marsh e Staunton (2018), e para que se desenvolva um ambiente econômico em que empresas e investidores preocupam-se com a sustentabilidade e crescimento de seus rendimentos. Os estudos de Cremers, Pareek e Sautner (2017) e de Harford, Kecskés e Mansi (2016) ratificam essa visão, ao concluir que um fluxo de entrada de investidores de curto prazo nas empresas faz com que sua direção concentre esforços de retorno rápido, em detrimento a iniciativas que maximizem o valor entregue aos acionistas no futuro.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo desenvolver um guia para o jovem brasileiro de até 30 anos, com um passo-a-passo de como investir em ações, com foco em prazos mais longos – acima de 5 anos. Além disso, facilitar-se-á o conhecimento sobre riscos e oportunidades no mercado de ações, para o investimento de maior duração.

- Método

Realizou-se pesquisa bibliográfica, para identificar os principais conceitos necessários para criação da cartilha. Conforme Manzato e Santos (2012), esse tipo de pesquisa busca entender um problema a partir de referências teóricas em documentos, pela análise de contribuições culturais e científicas do passado existentes sobre determinado assunto, problema ou tema. Assim, analisou-se o contexto atual do país em relação a investimentos, as características de investimentos em ações e diferentes abordagens de análise dessa modalidade de alocação de capital.

O passo seguinte foi uma pesquisa de campo, utilizando um questionário fechado estruturado, com jovens de até 30 anos – independente de idade e gênero, a fim de entender quais as dificuldades e motivações que encontram para investir. Manzato e Santos (2012) afirmam que os métodos de pesquisa quantitativa, de modo geral, são utilizados quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes etc. de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada.

Figura 3 - Fluxograma com descrição das etapas de trabalho, para confecção de cartilha informativa



Dessa forma, pelo tratamento dos resultados da pesquisa e pela revisão bibliográfica realizada, desenvolveu-se um manual de acordo com as problemáticas trazidas. A revisão bibliográfica, portanto, permeou toda a extensão do projeto, para contínuo aprofundamento sobre os temas tratados (ver Figura 6).

Destaca-se, por fim, a apresentação de indicadores, na cartilha, que podem ser utilizados por qualquer investidor para se analisar empresas listadas em bolsas e suas ações. Um estudo de caso foi adicionado, então, para aplicar os conceitos de análise mostrados.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O Brasil encontra-se em um patamar de conhecimento financeiro bastante abaixo da média de outros países, segundo estudo da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE (2016). A avaliação tem o objetivo de medir as competências da população adulta no tema de educação financeira, dividido em três pilares: conhecimento, comportamento e atitude. Entre os 30 países avaliados, o Brasil ficou em 27º, evidenciando a falta de educação financeira da população. Essa lacuna faz com que as pessoas não consigam adotar comportamentos que poderiam melhorar sua segurança financeira (RIBEIRO, 2016), ou seja, o brasileiro tem dificuldade em identificar as oportunidades de investimento e evitar riscos.

Assim, como “os rendimentos variáveis oferecem mais risco que os investimentos fixos” (MARTINI, p. 6, 2010), a falta de conhecimento desses riscos do mercado de ações contribui para a preferência do brasileiro por produtos de renda fixa.

Nas últimas décadas (1986 a 2005) o título público remunerado pela taxa Selic obteve retornos melhores que o índice Bovespa, segundo estudo de Pereira (2006). Porém – além dos argumentos apresentados anteriormente, sobre o uso do índice Bovespa como *benchmark* do mercado de ações – com o recuo da taxa Selic, atingindo seu menor valor histórico, de 6,5% a.a., e com a tendência de futuras reduções, o brasileiro precisará correr mais riscos para conseguir maiores remunerações, como acontece no resto do mundo, explicam Leite, Bion e Coelho (2017). Isso acontece, porque a taxa básica de juros serve como referência para outras taxas de juros praticadas no mercado e, portanto, sua redução afeta a taxa de remuneração de investimentos de renda fixa e algumas modalidades de títulos públicos (LINHARES, 2018). Uma forma de se encontrar maiores remunerações é no investimento em ações, foco desse artigo.

2. 1 INVESTIMENTO

Investir é uma ação que tem significados diferentes, a depender da ótica utilizada para compreendê-la. Segundo Marques (p. 19, 2014)

No limite e globalmente, investimento significa acumulação de possibilidades de produção, quer diretamente através de projetos produtivos, quer indiretamente através de projetos não diretamente produtivos mas que, de uma forma ou outra, contribuem para a dinamização da atividade econômica, o crescimento do

emprego, da produtividade, do produto e dos rendimentos sociais e para a melhoria das condições de vida em geral. Traduz-se na aplicação de uma poupança social e constitui a mola mestra do crescimento económico sustentado, que impulsiona o desenvolvimento.

O mesmo autor, então, pontua 3 principais perspectivas para caracterizar investimento: a) A ótica da empresa e do empresário (financeira), que corresponde à aplicação de capital ou ativos monetários próprios ou alheios. Nessa visão, enfatiza-se aplicação em sentido monetário, e é necessário que exista uma expectativa de recuperação dos valores investidos com uma remuneração adicional, o lucro; b) A ótica econômica, que entende investimento como criação ou aplicação de bens de capital fixo e de outros bens relacionados ao funcionamento destes. Essa perspectiva abrange toda e qualquer utilização de recursos para produzir resultados em um determinado prazo, que podem ser equipamentos e infraestruturas, edifícios, projetos, formação e treino de pessoal, entre outros; c) A ótica dos agentes económicos aforradores, em que investir significa abster-se de consumos no presente (poupar), para obter consumos futuros acrescidos, proporcionados por capital recuperado mais os juros e/ou lucros.

No presente trabalho, o conceito de investimento é utilizado pela perspectiva financeira. Assim, procura-se avaliar as principais modalidades de investimento de recursos monetários, divididas em Renda Fixa e Renda Variável.

O investimento em renda fixa é caracterizado, de acordo com Cerbasi (2008), como aquele que gera rendimentos fixos, em que a rentabilidade é determinada no momento da aplicação ou de resgate do valor aplicado. Por outro lado, Martini (p. 6, 2013) pontua que “os de renda variável não possuem uma fórmula de rentabilidade pré-estabelecida. Ou seja, o valor do seu investimento pode variar conforme os valores de mercado”.

Andrezo e Lima (1999) corroboram essa visão, afirmando que – no mercado de renda fixa – conhece-se o ganho futuro, em termos nominais (taxa pré ou pós-fixada), enquanto, no mercado de renda variável, só se determina o ganho no momento de encerramento do investimento, pela venda do valor mobiliário. No entanto, explicam que “no mercado de renda fixa, um eventual ganho nominal, considerado na compra do título, pode não se concretizar e, até mesmo, transformar-se em perda, em termos reais, devido às condições do mercado durante o período” (p. 4), o que pode ocorrer caso haja elevação das taxas de juros no mercado.

No momento em que o indivíduo investe seus recursos em renda fixa, emitido pelo governo ou por uma empresa privada, ele está fazendo um empréstimo ao emissor do título, para receber o valor aplicado, acrescido de juros, após um certo período de tempo (MARTINI, 2013).

Já na renda variável, a aplicação de recursos se dá para a compra de ações de empresas que necessitam de recursos para executar grandes projetos, segundo Pezzi e Ersching (2010). Com esse capital, empresas conseguem expandir sua capacidade produtiva e, assim, o investimento em ações contribui para o desenvolvimento da economia do país.

Os principais produtos de renda fixa são títulos pré-fixados, em que a remuneração pelo título é previamente acordada entre emissor e investidor; e títulos pós-fixados, em que a remuneração só é definida após o vencimento do título (LOVATO, 2011). Dentre os tipos de aplicações possíveis em renda variável, Almeida e Cunha (p. 27, 2017) dão destaque a “ações, derivativos, câmbio e *commodities*”. Nesse trabalho, dar-se-á ênfase a ações.

É muito comum, no ambiente de investimentos, pessoas compararem sua rentabilidade com a média do mercado, em busca de superá-la. Essa competição, muitas vezes, gera frustrações e, no fim, não indica mais ou menos sucesso do plano de investimentos da pessoa. Segundo Graham e Zweig (2015, p. 251),

o objetivo do investimento não é ganhar mais dinheiro do que a média, mas ganhar o suficiente para suas necessidades. A melhor forma de medir seu sucesso nos investimentos não é se você está superando o mercado, mas se você colocou em prática um plano financeiro e a disciplina comportamental que o possam levar aonde deseja chegar. No fim, o que importa não é cruzar a linha de chegada antes dos outros, mas se certificar de que a cruzará.

Assim, é importante que se crie um objetivo, ou um conjunto destes, e que se desenvolva a disciplina comportamental e as ações necessárias para atingir essa meta estipulada, o que, de fato, é o indicador de sucesso de um plano de investimentos individual.

2. 2 MERCADO DE CAPITAIS E AÇÕES

É muito importante para o crescimento econômico de um país, que seu mercado de capitais seja desenvolvido. O mercado acionário é o local em que ocorre a canalização

direta dos recursos monetários disponíveis aos poupadores, para financiar o investimento de empresas, através da emissão inicial das ações das mesmas. Segundo Pagnani e Olivieri (2007), este é o setor do mercado em que as empresas captam recursos próprios para a implementação de projetos de investimento, decorrentes de suas estratégias de expansão e diversificação de negócios.

O mercado de capitais tem sua origem a partir do momento em que o mercado de crédito parou de atender as necessidades da atividade produtiva de um fluxo de recursos adequado, no que se refere a prazos, custos e exigibilidades (PINHEIRO, 2016). O autor explica, assim, que o mercado de capitais se fundamentou nos princípios de: atuar como canalizador de capitais aos investimentos para contribuir com o desenvolvimento econômico; e permitir a estruturação de uma sociedade com participação coletiva na riqueza e nos resultados da economia.

De acordo com Assaf Neto (2010), o Mercado de Capitais estrutura-se para atender as necessidades de investimentos dos agentes econômicos, por meio de formas de financiamento de prazo médio, longo e até indeterminado. Bruni (2010) afirma que sua estruturação se divide em duas fases, no que se refere à alocação dos recursos do investimento: o mercado primário e o secundário.

No mercado primário, empresas abrem seu capital, emitindo e lançando suas ações ao público pela primeira vez, para obter recursos para financiar suas atividades (LOVATO, 2011). O mercado secundário, por sua vez, é onde são transferidos os títulos de propriedade, entre investidores. Com isso, pode-se dizer que este não gera riqueza nem aumenta o capital das empresas, mas faz-se extremamente necessário para prover liquidez ao mercado como um todo (HAYNE, 2012).

Oliveira (2011) explica que o acionista é como um coproprietário, com direito a participação nos resultados na empresa. A ação, como definido por Assaf Neto (2010) é o título representativo da menor parte do capital social da empresa e, portanto, configura-se como o meio de se tornar acionista de uma empresa.

Estabelece-se, então, uma relação em que a empresa consegue financiar seus projetos sem utilizar empréstimos de terceiros, e o investidor compra ações dessa empresa, na esperança de obter os lucros que a empresa terá com os recursos dele.

O acionista obtém, portanto, retorno tanto por meio de dividendos, ou seja, participação nos resultados da firma, ou por meio da venda de suas ações quando estas encontram-se com um preço superior à época de sua aquisição (OLIVEIRA, 2011).

As ações, na realidade brasileira, são classificadas em dois tipos: preferenciais e ordinárias. As ações ordinárias (também chamadas ON), segundo Neto et. al (2005), têm como principal característica o direito a voto, isto é, o poder de influenciar as decisões da empresa. Os investidores que possuem esse tipo de ação deliberam sobre a atividade da companhia, aprovam demonstrações contábeis e são responsáveis pela eleição da Diretoria e pelas alterações nos estatutos. Por outro lado, as ações preferenciais (chamadas PN) possuem privilégios na distribuição de dividendos, segundo Pezzi e Ersching (2010), mas não dão a seu titular o direito a voto.

A forma padrão de se negociar ações é em lote de 100. Isso significa que, usualmente, as compras e vendas são feitas de 100 em 100 ações. Como existem ações que custam acima de 100 reais, pode-se ser necessário um capital de 10 mil reais para investir em uma empresa. Porém, existe também o mercado fracionário, em que se negociam ações individuais (de 1 em 1) e, portanto, pode-se comprar e vender ações sem precisar de tanto capital de uma vez (ALMEIDA, 2018).

Para investir no mercado de ações, Sachetim (2006) afirma que existem duas principais correntes de análise: a escola de análise técnica e a de análise fundamentalista.

Segundo Chaves (p. 39, 2004), a análise técnica

é o estudo do comportamento histórico do mercado para determinar o estado atual ou as condições futuras do mesmo. O analista técnico observa tendências deste comportamento e avalia como o mercado reage a estas. Em sua essência, a análise técnica assume que os mercados exibirão comportamentos futuros que são consistentes com o passado, ou seja, o técnico se orienta pela repetição de padrões de comportamento do mercado. A análise tem como objetivo, a predição de quando os preços irão se mover, quando é a hora certa para entrar ou sair do mercado.

Assim, Winger e Frasca (1995) explicam que essa corrente de análise é uma forma de selecionar ativos, sem considerar os fundamentos econômicos no estudo. Isso quer dizer que, no mercado de ações, desconsideram-se informações sobre a empresa ou indústria em que se realiza a análise.

O que se utiliza na análise técnica, então, é a “média das opiniões de todos os participantes do mercado, ponderada em função do poder de cada participante, que comanda as oscilações do pregão” (SACHETIM, p. 38, 2006). Com isso, segundo Murphy (1999), essa análise é o estudo das ações de mercado, primariamente com o uso de gráficos, para prever futuras tendências de preços.

Já a outra escola, a de análise fundamentalista, baseia-se em informações obtidas nas demonstrações contábeis das empresas, além da análise do mercado em que esta se encontra, do panorama econômico e de projeções de seus resultados, conforme Tavares e Silva (2012).

Bodie, Kane e Marcus (2002) definem, então, que a determinação do valor presente de todos os pagamentos que os acionistas irão receber por uma ação é a base da análise fundamentalista. Assim, com essa análise, Chaves pontua que “o analista está apto a comparar o preço encontrado com o preço de mercado e classificá-lo como sobre-avaliado com sinalização de venda, sub-avaliado com sinalização de compra ou que seu preço é condizente (justo) com o praticado pelo mercado” (p. 16, 2004).

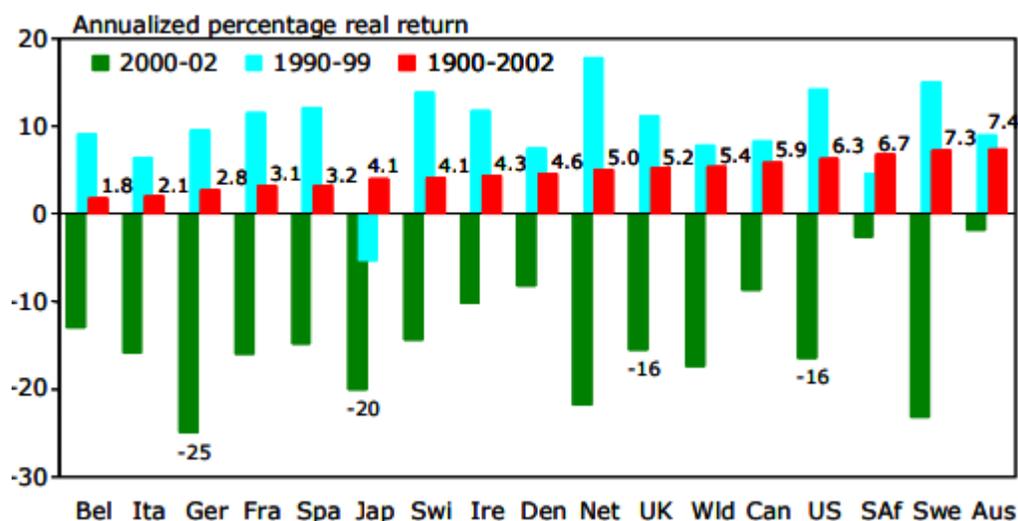
Segundo Noronha (1995), mesmo que ambas tenham como objetivo prever a direção dos preços, as análises possuem diferenças em sua forma de avaliação. Enquanto a escola técnica estuda os efeitos das movimentações de preço, a fundamentalista busca entender suas causas. Além disso,

a escola fundamentalista trabalha com dados provenientes do estudo econômico-financeiro dentro do cenário micro e macroeconômico, eventualmente, associado ao cenário internacional, enquanto a escola técnica trabalha com dados disponibilizados pela movimentação dos preços e volumes, utilizando gráficos, teorias e indicadores matemático-estatísticos a eles relacionados. (CHAVES, p. 71, 2004)

A análise fundamentalista, de modo geral, tem relação com a visão de longo prazo, foco importante para a redução do risco no investimento em ações. Dimson (2003) demonstra que, em períodos maiores de tempo, pode-se mitigar os riscos de se ter prejuízo com ações, mesmo passando por períodos de crises financeiras. De 2000 a 2002, a crise das empresas de tecnologia levou as bolsas de valores a apresentarem grandes baixas, porém – quando se analisa um espectro maior de tempo – é possível perceber pela Figura 3 que, mesmo com essas baixas, os ganhos foram expressivos no mercado de ações, chegando ao máximo de 7,4% a.a. de retorno real (acima da inflação)

entre 1900 e 2002 na Austrália, e no mínimo de 1,8% a.a. para o mesmo período, na Bélgica.

Figura 4 – Retorno real anualizado (%) do mercado de ações de 16 países e do mundo (“Wld”), considerando diferentes espectros temporais



Fonte: Dimson (2003)

Por esses motivos, o presente trabalho irá tratar da análise fundamentalista, de forma a incentivar o pensamento de longo prazo no investimento em ações. Deve-se então, entender os principais indicadores envolvidos nessa análise, e conhecer exemplos de abordagens de avaliação de ações baseados na mesma.

2.2.1 Indicadores Fundamentalistas

Existem indicadores, na análise fundamentalista, que permitem ao investidor iniciante analisar rápida e facilmente uma ação. Esses indicadores, segundo Kobori (2011), provêm das demonstrações financeiras – que Helfert (2000) descreve como sendo o reflexo das decisões tomadas pela gestão das empresas. As principais demonstrações financeiras são: o Balanço Patrimonial (BP), a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) e o Demonstrativo de Fluxo de Caixa (DFC).

O Balanço Patrimonial reflete a posição financeira em um determinado momento, ao fim de um período fixado. Ele se divide em duas colunas: do lado esquerdo, tem-se o

Figura 6 – Estrutura de uma Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)

Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)	
Receita Bruta de Vendas	
(-)	Deduções de Vendas
(=)	Receita Líquida de Vendas
(-)	Custo das mercadorias Vendidas
(=)	Lucro Bruto Sobre Vendas
(-)	Despesas Comerciais
(-)	Despesas Administrativas
(-+)	Resultado Financeiro Líquido
(-+)	Outras Receitas e Despesas
(=)	Resultado Antes do IR e CSSL
(-)	Provisões de IR e CSSL
(=)	Lucro Líquido

Fonte: Mota (2017)

O Demonstrativo de Fluxo de Caixa, por fim, tem como objetivo prover informações relevantes sobre pagamentos e recebimentos de uma empresa, ocorridos durante um determinado período, para ajudar os leitores desse demonstrativo na análise da capacidade da entidade gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como as necessidades que ela tem para utilizar esses fluxos de caixa (NETO, 2018).

Segundo Oliveira (2011), a análise dessas demonstrações contábeis (BP, DRE e DFC) forma uma coleção de informações sobre fatos econômico-financeiros que aconteceram em um determinado período, que permitem a avaliação de uma empresa e de seu comportamento. Pinheiro (2016) explica que essa análise abrange dois aspectos: 1) o estático, que representa a situação da empresa em determinado momento em comparação com outras semelhantes a ela; e 2) o dinâmico, que retrata a evolução da empresa pela tendência a que apontam seus indicadores durante um período de tempo.

Esses dois aspectos relacionam-se com o que diz Gitman (2004), sobre a utilização de indicadores para comparação por cortes transversais e séries temporais. Conforme o autor, “a análise em corte transversal envolve a comparação de índices financeiros de diferentes empresas na mesma data” (p. 42), ou seja, abrange o aspecto estático citado por Pinheiro (2016). Já quanto à segunda comparação, afirma-se que “a

análise de séries temporais avalia o desempenho com o passar do tempo” (GITMAN, 2004, p. 44), isto é, envolve o aspecto dinâmico, de entender a tendência dos indicadores por uma série de períodos. Isso implica que, para cada indicador citado a seguir, não se deve analisá-lo de forma isolada, mas sim em relação a ele próprio em períodos anteriores, e em relação ao mesmo indicador em empresas semelhantes.

Reis (2017) segmenta os indicadores que considera mais relevantes em indicadores de mercado e indicadores financeiros. Os indicadores de mercado mencionados por ele são: O P/L (Índice Preço/Lucro), o DY (*Dividend Yield*), o DP (*Dividend Payout*) e o P/VPA (Preço/Valor Patrimonial da Ação).

Segundo Chaves (2004), o P/L é definido pela divisão entre o valor de mercado da empresa em uma data específica e a soma do lucro líquido (obtido na DRE) dos últimos 12 meses, ou pela divisão do preço da ação em uma data específica pelo lucro por ação dos últimos 12 meses (KUMAR, 2017). Esse indicador representa, portanto, o tempo médio do retorno do capital investido pelo acionista e, quanto maior seu valor, menor será a lucratividade esperada da ação.

O *Dividend Yield*, por sua vez, é definido pela relação entre os dividendos e juros sobre capital próprio (outra forma de distribuição de lucros) pagos por ação nos últimos 12 meses e a cotação atual da ação. Reis e Tosetto (2017) explicam que é “a relação, expressa em porcentagem, entre o valor da cotação de uma ação e a soma dos proventos pagos por ação em determinado período. Usualmente se consideram os 12 meses anteriores à data da referida cotação” (p. 11).

Já o *Dividend Payout*, ou DP, é a relação entre a distribuição de lucros ao acionista e o lucro líquido total da empresa, no final de cada exercício (REIS, 2018). Isso significa que esse indicador representa qual porcentagem do lucro líquido foi distribuída aos proprietários das ações da empresa. Números abaixo de 100% indicam que a empresa está retendo parte dos lucros, enquanto um *payout* igual a 100% retrata que todo o lucro da empresa foi distribuído, e um *payout* acima de 100% quer dizer que a empresa pode estar distribuindo todo seu lucro, mais parte do caixa e equivalentes de caixa que possuía.

O P/VPA relaciona o preço com o valor patrimonial da ação, ou seja, com o patrimônio líquido descrito no balanço patrimonial disponibilizado pela empresa, dividido pelo número de ações existentes. Esse indicador representa, portanto, o quanto se está

pagando a mais (ou a menos) pelo patrimônio da empresa: P/VPA igual a 1 significa que a ação está sendo negociada pelo preço equivalente a seu patrimônio líquido; menor que 1 significa que a mesma está sendo negociada com desconto em relação ao patrimônio; e maior que 1 indica que há um prêmio a ser pago pelo patrimônio líquido da empresa (REIS, 2017). O P/VPA, então, compara o valor de mercado e o valor contábil da ação e, quanto maior seu valor, maior é a expectativa do mercado acerca da rentabilidade futura do capital próprio da empresa.

Quanto aos indicadores financeiros, Reis (2017) dá destaque aos seguintes: o Retorno sobre Patrimônio Líquido (RSPL ou ROE), a Dívida Líquida sobre Patrimônio Líquido (DL/PL) e a Margem Líquida (ML).

O Retorno sobre Patrimônio Líquido é calculado pelo quociente entre o lucro líquido de um período de 12 meses e o patrimônio líquido da empresa. Assim, chega-se a uma porcentagem que expressa “quanto de prêmio os acionistas ou proprietários da empresa estão obtendo em relação a seus investimentos no empreendimento, segundo Silva (p. 68, 2007), ou pode ser entendido, como explicado pelo Reserve Bank of Australia (2017), como a medida de quão eficiente está sendo a alocação de capital próprio para gerar lucros na empresa. Dessa forma, quanto maior esse índice, melhor a expectativa sobre a rentabilidade da empresa para cada real investido pelo acionista.

O indicador DL/PL é a relação entre a dívida líquida da empresa – calculada subtraindo o dinheiro em caixa e equivalentes de caixa da dívida bruta, obtida no Balanço Patrimonial – e o patrimônio líquido da empresa. Ele retrata o quanto do patrimônio da empresa equivale a sua dívida líquida (REIS, 2017) e, portanto, menores índices DL/PL significam que a companhia está pouco endividada e pode, inclusive, utilizar de dívidas para se alavancar e crescer. Por outro lado, altos e crescentes índices DL/PL durante um período podem demonstrar que a empresa está tendo dificuldades em honrar suas obrigações, ou que está contraindo mais dívida, o que deve ser analisado com cuidado pelo investidor.

Por fim, a Margem Líquida é um indicador obtido pela divisão do lucro líquido pela receita líquida, ambos obtidos na Demonstração de Resultados do Exercício (DRE). Ele representa quanto de lucro se obtém para cada real de vendas líquidas feitas pela empresa. Esse índice, segundo Reis (2017), é importante para se avaliar o quanto a

empresa consegue resistir a crises e competição mais acirrada, uma vez que estas tendem a apertar margens e, se o negócio já possui margens estreitas, é muito fácil que a empresa apresente prejuízo para os próximos exercícios.

2.3 BOLSA DE VALORES

No Brasil, o investimento em ações se dá por meio da bolsa de valores, atualmente conhecida como B3 – resultado da fusão da BM&F Bovespa com a Cetip, segundo Moreira (2017). Conforme Lovato (2011), as negociações de títulos são fiscalizadas pela Comissão e Valores Mobiliários (CVM), órgão de controle do mercado de valores mobiliários. Bruni (2010, p. 16) explica que

Os valores mobiliários são formados por: (a) ações, debêntures e bônus de subscrição; (b) cupons, direitos, recibos de subscrição e certificados de desdobramento relativo aos valores mobiliários; (c) certificados de valores de depósitos de valores mobiliários; (d) cédulas de debêntures; (e) cotas de fundos de investimento em geral ou de clubes de investimentos em quaisquer ativos; (f) notas comerciais (commercial papers); (g) contratos futuros, de opções e outros ativos subjacentes sejam valores mobiliários; (h) títulos ou contratos de investimento coletivo, ofertados publicamente. Destaca-se que não são considerados valores mobiliários os títulos da dívida pública federal, estadual ou municipal e os títulos cambiais de responsabilidade de instituição financeira, exceto debêntures.

O processo de compra e venda de títulos, tanto no mercado primário quanto no secundário, é dividido em três fases, como definido pela Comissão de Valores Mobiliários (2014): pré-negociação, negociação e pós-negociação.

A CVM, então, descreve que a pré-negociação compreende os serviços de informação ao mercado, além das vendas de sinais e cotações. A negociação, ou *trading*, ocorre quando investidores, representados por Corretoras ou Distribuidoras, enviam ordens de compra e venda no pregão eletrônico – sistema de negociação na bolsa de valores. Por fim, para a efetivação da negociação se concretizar, a fase de pós-negociação acontece, com as etapas de compensação, liquidação e custódia (guarda das ações).

As corretoras e distribuidoras são instituições financeiras, cuja principal função é executar ordens de compra e venda de ativos para seus clientes, além de prestar serviços de assessoria a investidores e empresas, de acordo com a Bovespa (2008). Assim, para se investir em ações, atualmente, o indivíduo deve abrir uma conta junto a uma corretora.

Até o início de março de 2009, as Corretoras eram as únicas autorizadas a operar em bolsas de valores. A partir de então, pela Decisão-Conjunta Bacen/CVM nº 17, as Distribuidoras também passaram a ter a possibilidade de operar diretamente na bolsa de valores. Enquanto não estavam autorizadas a operar em bolsas, elas realizavam suas operações por meio de uma Corretora. (CVM, p. 282, 2014)

As transações na bolsa de valores envolvem custos operacionais. As principais tarifas e taxas incorridas no processo são a taxa de custódia, a taxa de corretagem e os emolumentos. Segundo Borges (2011), a taxa de custódia é referente ao custo com a guarda das ações na Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia (CBLC), e há corretoras que isentam o cliente e outras que cobram até R\$ 30,00 ao mês, pois embutem outros serviços nesse valor. Quanto à taxa de corretagem, Abe (2009) explica que é a taxa que a corretora cobra para efetuar suas ordens de compra e venda, como uma comissão. Por fim, a BM&F (atualmente parte da B3) define que emolumentos são taxas referentes ao serviço de negociação, e incidem sobre negociações de contrato (abertura ou encerramento de posição antes do vencimento), exercício de opções e procedimentos de cessão de direitos.

Para o pequeno investidor, esses custos acabam onerando as operações relacionadas ao investimento em ações, uma vez que algumas dessas taxas são fixas e, em operações de menor volume, passam a ser significativos – podendo até tornar inviável a compra ou venda das ações (LINHARES, 2018).

Alves, Lamounier e Jabur (p. 33, 1999), no final do século XX, já haviam falado sobre como “a Internet está mudando o perfil dos investidores na Bolsa, permitindo a entrada de pequenos investidores que antes não tinham acesso aos pregões”, pela redução dos custos operacionais citados anteriormente, bem como pela facilitação do acesso à Bolsa de Valores, que antes era limitado à operação por telefone ou presencial.

Assim, infere-se que, ao procurar uma corretora para cadastrar-se a fim de se investir em ações, deve-se analisar as taxas que cada uma cobra para as operações, de forma a minimizar as perdas relativas a custos operacionais.

3 RESULTADOS

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 71 pessoas abaixo de 30 anos, de forma que 80% estão entre 20 e 26 anos. Todos que responderam à pesquisa possuem Ensino Superior Completo, ou estão cursando, e 80% afirmaram ter renda mensal acima de R\$ 1000, portanto as análises foram feitas sobre esses respondentes.

Em relação aos que afirmaram que geralmente não sobra dinheiro no fim do mês (12 respondentes), 58% destes responderam que a maior parte de seus gastos é com lazer (ex.: festas, restaurantes, cinema, viagens) e 10 dos 12 indicaram ser possível reduzir seus gastos, de forma a sobrar dinheiro. Isso retrata uma situação de falta de planejamento financeiro ou preocupação com o longo prazo, segundo Pelicioli (p. 24, 2011), assim “se percebem atitudes que revelam o desconhecimento econômico em virtude da não existência de um planejamento econômico particular”. Vieira, Bataglia e Sereia (2011) sugerem, portanto, que os jovens utilizem a educação e o planejamento financeiros como ferramenta para controlar suas dívidas, despesas e poupança, e Camargo (p. 2, 2007) complementa, dizendo que “o planejamento das finanças pessoais reflete também a qualidade das decisões de investimento”.

Os outros 45 indivíduos responderam que sobra dinheiro no fim do mês, e destes: 14 guardam o dinheiro em espécie, ou na conta corrente; 13 colocam o dinheiro na poupança; e 18 investem, sendo que 50% desses últimos não investem em ações, e somente 9 o fazem.

Considerando as 36 pessoas que guardam o dinheiro e não investem e as que investem em outras modalidades (excluindo ações), as principais dificuldades relatadas para o investimento em ações foram, em ordem decrescente de número de respostas: 1 – “Tenho pouco dinheiro para investir”; 2 – “Não tenho conhecimento sobre o mercado de ações”, 3 – “Não sei avaliar as oportunidades”; e 4 – “É muito arriscado”.

Isso vai ao encontro das hipóteses iniciais do trabalho, de que as pessoas consideram que têm pouco dinheiro para comprar ações, ou seja, que é necessário elevado nível de capital para investir nessa modalidade; que faltam informações sobre como investir em ações e tomar boas decisões; e que se considera que o investimento em ações apresenta muitos riscos de perda.

Rogers, Favato e Securato (p. 6, 2008) explicam que no “Brasil, comparando-se ao que existe nos Estados Unidos, há poucas informações sobre como operar em mercados de capitais e quase nada sobre vieses e eventuais problemas oriundos da racionalidade limitada”. O resultado sobre as principais dificuldades encontradas pelos respondentes corrobora essa afirmação, ao demonstrar justamente que se sente, por parte destes, falta de conhecimento sobre como operar no mercado de ações e que, mesmo que busquem essas informações em algum lugar, existem vieses e algumas percepções errôneas sobre o risco de se investir nesse mercado.

Há também um aspecto comportamental, portanto, na relação entre o indivíduo e os investimentos em ações, e este traz o viés de aversão a perdas, definido por Kahneman e Tversky (1984). A aversão a perdas se refere à tendência que os tomadores de decisão têm de dar mais ênfase às perdas em relação aos ganhos. Os autores explicam que a atratividade de um possível ganho não é suficiente para balancear a possibilidade de possíveis perdas e, portanto, as pessoas preferem um ganho certo, ao invés de se arriscarem para ganhar um valor mais alto.

Por fim, nota-se que 15% dos respondentes (9 dos 57 com renda mensal acima de R\$ 1000) investem atualmente em ações, e destes, 7 conhecem tanto a Análise Fundamentalista, quanto a Análise Técnica. Isso ratifica o que Chiele (2009) afirma, que os jovens que se interessam por ações, atualmente, vêm buscando cada vez mais informações sobre o mercado, com diferentes abordagens de investimentos. No entanto, embora os 15% sejam bastante acima dos 0,3% de brasileiros que possuem CPF cadastrado na Bolsa de Valores, esse número ainda é baixo (lembrando que mais de 50% das residências dos EUA possuem investidores em ações), e demonstra o potencial que existe de crescimento do uso do mercado de ações para se rentabilizar capital, por jovens do Brasil.

3.1 CARTILHA: APRESENTAÇÃO DO MERCADO DE AÇÕES AO JOVEM BRASILEIRO

Com as informações estudadas na revisão bibliográfica, e pela comprovação das hipóteses iniciais – em relação ao desconhecimento da população jovem sobre o mercado acionário – por meio do questionário desenvolvido, estruturou-se a cartilha de apresentação desse mercado em cinco tópicos, apresentados a seguir.

- O que é o Mercado de Ações?

O Mercado de Ações brasileiro é o ambiente em que se conectam empresas e investidores de forma a, do ponto de vista da primeira, captar dinheiro para investimentos e empreendimentos e, do ponto de vista do segundo, ter a possibilidade de se associar a grandes empresas e seus projetos de forma simples e rápida.

A Ação é, portanto, o meio pelo qual se dá essa conexão: ações são títulos que representam a menor parcela do capital social de uma empresa, ou seja, é um documento que representa uma parte da companhia e da participação em seus resultados. As ações, de forma geral, possuem duas categorias: as ações ordinárias (ON) e as preferenciais (PN). As principais diferenças entre elas encontram-se na tabela a seguir.

Tabela 1 – Diferenças entre Ações Ordinárias e Preferenciais

Ações Ordinárias (ON)	Ações Preferenciais (PN)
Garantem direito a voto nas Assembleias de acionistas (cada ação dá direito a 1 voto)	Não garantem direito a voto
São os últimos a receber as distribuições de lucros	Possuem direitos preferenciais no recebimento de distribuições de lucros

Dessa forma, pode-se entender que, para tornar-se sócio da empresa e participar de suas decisões, é necessário investir em ações ordinárias. Porém, para efeito de ter parte das distribuições de lucros, as ações preferenciais são mais recomendadas. O investidor que obtém mais de 50% das ações ordinárias de uma empresa torna-se seu controlador, enquanto o acionista que possui até 100% das ações preferenciais continua sem poder decisório na mesma.

As ações são negociadas atualmente por meio da B3, a Bolsa de Valores brasileira, sob supervisão da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Para se comprar e vender ações, deve-se abrir uma conta em uma corretora – instituição responsável pela intermediação na execução de compras e vendas ordenadas pelo investidor.

- Por que investir em Ações?

Segundo dados do estudo *Triumph of The Optimists*, o rendimento pelo investimento em ações supera o de títulos públicos (modalidades de investimento com

renda fixa) em todos os 16 países avaliados, em um período maior que 100 anos. Além disso, o mesmo trabalho comparou a rentabilidade de ações para diferentes períodos de investimento (3 anos, 10 anos e 103 anos) nos mesmos países e concluiu que, no curto prazo, a imprevisibilidade relacionada aos preços de ações e sua volatilidade torna bastante incerta a garantia de lucro; porém, no longo prazo (períodos acima de 10 anos), as ações trazem – na média – resultados positivos.

Também se considera importante destacar a liquidez e baixa necessidade de capital no investimento em ações, frente a outras modalidades. É possível encontrar ações por menos de R\$ 1,00. Assim, pode-se investir em empresas mesmo tendo pouco dinheiro e, caso seja necessário, a liquidação desses investimentos para recuperação do capital investido é bastante rápida (a preços de mercado, isto é, caso os preços em que se deseja vender sejam coerentes com as ordens de compra disponíveis no mercado).

Com isso, entende-se que investir em ações, isto é, associar-se a grandes empresas e seus projetos, é um bom método de se obter retornos interessantes no longo prazo. Jovens, por terem um grande horizonte de tempo de vida ativa restante (ao menos 30 anos, considerando que a pessoa comece a trabalhar aos 30, e pare aos 60), podem se planejar para criar, aos poucos (pela baixa necessidade de capital para aportes, e alta liquidez), uma carteira de ações que garanta a ele resultados expressivos para seu futuro.

- Como investir em Ações?

Para comprar e vender em ações, o primeiro passo necessário é escolher uma corretora e abrir uma conta na mesma. No processo de escolher a corretora, deve-se buscar a que oferece custos reduzidos, para que se perca menos dinheiro possível nas operações e na manutenção de ações em sua carteira. Assim, o ideal é que se pesquisem as taxas de custódia e de corretagem de cada instituição e encontre a que minimiza esses custos. Além disso, atenta-se para a necessidade de entender os recursos tecnológicos oferecidos por cada corretora, como plataformas de negociação, gráficos e mecanismos estatísticos, e procurar a instituição que tenha a melhor relação custo-benefício em relação às taxas e a disponibilidade de tecnologias de suporte ao investimento.

Também se deve estudar superficialmente as corretoras, para saber se estão corretamente regulamentadas e se possuem saúde financeira, de forma a se reduzir os riscos de colocar seu dinheiro em uma corretora ilegal ou que tenha possibilidade de falir.

No entanto, enfatiza-se que, caso uma corretora venha a falir, o investidor só tem o risco de perder o dinheiro que está na conta da entidade – isso significa que, quando o dinheiro está investido em ações, a falência desse agente não gera perdas ao indivíduo – e basta que ele abra uma conta em outra corretora e transfira a custódia de suas ações da antiga para a nova.

Após escolher a corretora, deve-se abrir uma conta. Atualmente, todas as corretoras estão habilitadas e disponíveis para a abertura de conta pelo seu *website*. Assim, pode-se acessar o *website* da corretora escolhida e seguir o passo-a-passo de cadastramento.

Após abertura da conta, para investir, deve-se transferir o dinheiro que será alocado em ações para a corretora e acessar sua plataforma *online* de investimentos, conhecida como *home broker*, para comprar e vender ações. As ações são, no mercado padrão, compradas e vendidas em lotes de 100, porém existe o mercado fracionário, em que se pode negociar menos de um lote padrão. O procedimento de compra e venda de ações, independentemente da corretora escolhida, tem a seguinte ordem: 1) digita-se o *Ticker* da ação (o código que representa aquela ação, formado por quatro letras e um número – 3 para ações ordinárias e 4 para ações preferenciais); 2) digita-se a quantidade de ações que o indivíduo deseja comprar daquela empresa; 3) define-se o preço de compra/venda.

É importante ressaltar, no entanto, que o lançamento da ordem de compra/venda não garante que essa vá, de fato, ocorrer. Para que a negociação ocorra, é necessário que exista um terceiro que tenha lançado uma ordem contrária à sua, pelo mesmo preço.

O exemplo a seguir demonstra o procedimento para se comprar 100 ações preferenciais da Petrobrás, pelo preço de 15 reais: 1) digita-se PETR4 (código referente às ações preferenciais da Petrobrás; 2) digita-se 100; 3) coloca-se o preço de 15 reais. Com isso, uma ordem de compra é lançada e, caso exista alguma ordem de venda de 100 (ou mais) ações PETR4 a 15 reais, a negociação é concluída, e a transferência de ações é feita em 3 dias úteis (D+3) pela corretora. Caso o investidor desejasse comprar menos de 100 ações, deveria adicionar a letra “F” no final do código da empresa, e definir o número de papéis que gostaria de adquirir daquela empresa (no exemplo: PETR4F).

- Regras para Escolher – e Evitar – Ações

Existem diversos métodos e teorias sobre como encontrar as melhores ações para se investir. No presente trabalho, a intenção é estabelecer algumas regras simples, baseadas na análise fundamentalista, que ajudem o investidor iniciante a orientar-se ao escolher empresas, e evitar que compre ações de empresas em estado de deterioração ou com preços muito altos, que não condigam com a expectativa de retorno possível para a companhia. A análise técnica também pode ser utilizada para a identificação de oportunidades no mercado, porém não será abordada no conteúdo a seguir.

Segundo Matarazzo (2010), os indicadores podem ser avaliados de três formas: a) pelo seu significado intrínseco; b) pela comparação ao longo de vários períodos; e c) pela comparação com outras empresas. Assim, estabelecem-se regras para cada forma de avaliação citada. Enfatiza-se, também, que nenhum indicador deve ser analisado de forma isolada, pois certas distorções nos números da empresa podem levar a decisões erradas.

Os seguintes indicadores foram selecionados e servem de base para uma análise de uma determinada ação:

- 1) O P/L, ou índice Preço/Lucro, é a relação entre o preço da ação e o lucro dos 12 meses anteriores à data da cotação. Deve-se calcular a média histórica desse indicador para a empresa e comparar com o P/L atual, para entender se este encontra-se relativamente baixo, ou não (REIS, 2017). Quando o P/L estiver mais baixo, significa que se está pagando mais barato para ter o mesmo nível de lucro. Além disso, é necessário comparar o P/L atual da empresa com o de empresas do mesmo segmento de mercado, ou similar – o que possibilita ao investidor entender se a ação avaliada encontra-se descontada frente a seus pares.
Deve-se, no entanto (segundo o mesmo autor), ter cuidado com valores muito baixos de P/L (geralmente menor que 3), pois isso pode indicar que há baixas expectativas do mercado de que a empresa mantenha seus lucros no futuro. Exemplo do funcionamento do indicador: Uma ação em determinado momento está com P/L de 20. Isso quer dizer que, para cada real de lucro da empresa, o investidor precisa pagar R\$ 20, ao adquirir a ação. Caso a mesma ação tenha uma queda e seu P/L atinja 10, para cada mesmo real de lucro, o investidor precisará pagar somente R\$ 10.
- 2) O DY, ou *Dividend Yield*, é a relação entre o lucro distribuído aos acionistas nos 12 meses anteriores à cotação, sobre o preço da ação em determinado momento. Este deve ser analisado de 2 formas: 1 – em relação à média histórica da empresa, e 2 – relacionado com o DP (*Dividend Payout*). Pela primeira forma, quanto maior o valor do *Dividend Yield*, melhor para o acionista. Quanto à segunda, deve-se ajustar o *Dividend Yield*, caso o

Dividend Payout tenha mudado com o passar do tempo, para se avaliar as distribuições de lucro pela mesma perspectiva – lucro distribuído e preço. O ajuste deve ser feito da seguinte maneira: divide-se o DY pelo DP em períodos diferentes e, caso o atual seja maior, isso indica que a relação de distribuição de lucros pelo preço da ação está mais atrativa atualmente.

Recomendam-se, ainda, duas outras análises, em relação ao DY e ao DP: 1 – verificar se os lucros da empresa são crescentes, isto é, se a tendência é que a empresa tenha resultados melhores no futuro; e 2 – verificar se o *Dividend Payout* é sustentável, ou seja, se é possível que a empresa mantenha esse nível de distribuição de lucros no futuro.

- 3) O ROE, ou Retorno sobre Patrimônio Líquido (do inglês, *Return on Equity*), expressa quanto de lucro a empresa produzirá, para cada real de capital do acionista investido (capital próprio). Esse indicador, assim como o P/L, deve ser avaliado em relação à média histórica e pela tendência de crescimento ou redução para o futuro. Também deve ser comparado com o ROE de outras empresas, para se entender qual empresa do setor produz mais lucro para uma mesma quantidade de capital investida pelos proprietários. Ao contrário do P/L, ROE maior indica maior eficiência e, portanto, que a empresa é melhor para investir.
- 4) A Margem Líquida, definida como o lucro líquido sobre a receita líquida, indica a eficiência da empresa em gerar lucro, para cada real recebido (ou a receber) de vendas líquidas. A ML deve ser analisada de forma semelhante ao ROE, e também deve-se procurar maiores margens, pois estas indicam que a empresa tem mais resiliência que as outras para enfrentar períodos de aumentos de custos ou redução de vendas.
- 5) O DL/PL, ou Dívida Líquida sobre Patrimônio Líquido, indica quanto a empresa tem de Dívida Líquida (que é a dívida bruta – empréstimos e financiamentos – menos o caixa e equivalentes de caixa) para cada real de Patrimônio Líquido. Quanto menor o DL/PL, mais saudável a empresa se encontra, em relação a obrigações com terceiros e, portanto, mais apta a resistir em cenários de crise. Reis (2017) recomenda que se procurem ações cujo DL/PL esteja abaixo de 100% e, preferencialmente, menor que 50%, pois a partir disso, o endividamento começa a pesar sobre as operações da empresa.

Diversos riscos existem, no entanto, no mercado de ações e, independente da avaliação dos indicadores, podem prejudicar o retorno do investimento feito, principalmente no curto prazo. Fatores como a troca da gestão da empresa, rumores e boatos sobre seu futuro e suas operações – bem como sobre elementos macroeconômicos que podem influenciar em seus resultados – podem fazer com que oscilações não previstas nos preços das ações sejam observados. No entanto, é

importante que se procure entender os fatos publicados e se realmente há algo nestes que possa modificar os fundamentos da empresa e sua capacidade de gerar resultados futuros, pois é isso que, no longo prazo, ditará a evolução do valor de mercado desta, para cima ou para baixo.

- O Caso Vivo Telefônica (VIVT4)

Para exemplificar a utilização dos indicadores citados, demonstrar-se-á o caso da Vivo Telefônica, em sua ação mais líquida – VIVT4, e como é feita a análise para a decisão de investimento. A Telefônica Brasil S.A. é a maior empresa de telecomunicações do país, com atuação em âmbito nacional e com portfólio de produtos completo (voz fixa e móvel, banda larga fixa e móvel, ultra banda larga, dados e serviços digitais, TV por assinatura e TI).

Na Tabela 2 pode-se observar a evolução dos indicadores P/L, DY, ROE, Margem Líquida e DL/PL:

Tabela 2 – Análise de Indicadores da Vivo Telefônica (VIVT4)

	2014	2015	2016	2017	2018
Cotação – último dia do ano	46,96	35,75	44,08	48,62	37,97 ¹
P/L	10,9	16,8	18,5	19,3	7,25 ¹
DY	5,7%	10,3%	3,01%	4,9%	9,9% ²
DP	50%	108%	73%	80%	57%
DY/DP	11,55%	9,51%	4,12%	6,2%	17,44%
ROE	11%	5%	6%	7%	13%
Margem Líq.	14%	8%	10%	11%	21%
DL/PL	0,069	0,071	0,059	0,063	0,036

Extraído de: Relatórios Anuais da Vivo Telefônica (2014 – 2018)

Destaca-se que a cotação e o P/L de 2018 foram considerados pela data de extração dos dados, no dia 26 de Outubro de 2018. Além disso, o *Dividend Yield* para

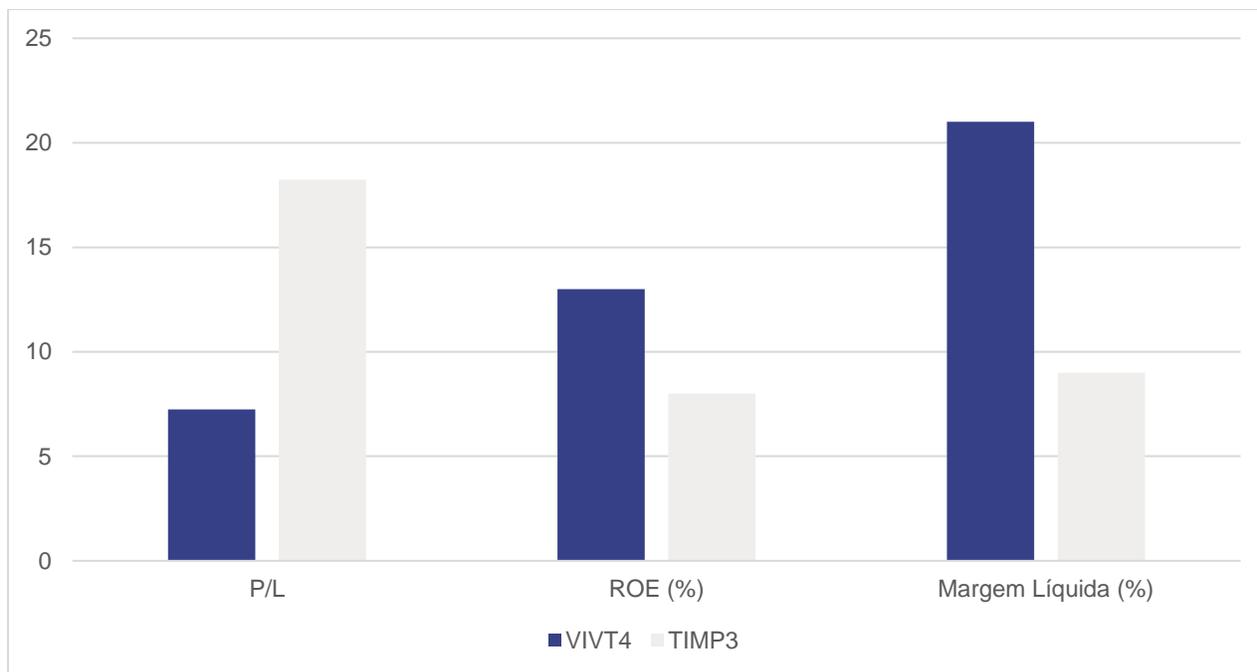
esse mesmo ano foi calculado pela soma das distribuições de lucros dos 12 meses anteriores a Outubro, uma vez que o último trimestre de resultados ainda não havia sido divulgado. O mesmo ocorreu para o *Dividend Payout*, que foi calculado pela média de distribuição de lucros dos últimos 12 meses, sobre o lucro líquido total desse mesmo período.

Com as evoluções acima, pode-se perceber que, para a data de 26/10/2018 (dia da extração dos dados), a empresa encontra-se bastante descontada, frente à sua média dos últimos 5 anos. Isso é notável pelo fato de que seu indicador P/L está apenas em 7,25, valor 35% abaixo do menor P/L descrito (10,9 em 2014) e 62% abaixo do P/L de 2017, o maior apurado nos últimos 5 anos. Além disso, pode-se perceber que o *Dividend Yield* está em um patamar bastante interessante, e ajustando-o pelo DP, vê-se que seria o maior dos últimos 5 anos, se a empresa tivesse distribuído 100% dos lucros auferidos.

Quanto à saúde financeira da Vivo Telefônica, nota-se que o endividamento da empresa está bastante controlado e atualmente está no menor nível do período, com uma relação DL/PL de apenas 3,6%. Também é importante verificar que o ROE e a Margem Líquida apresentaram quedas de 2014 para 2015, mas os números vêm se recuperando de 2015 a 2018, e nesse ano já está – inclusive – acima dos índices de 2014. Isso demonstra que a empresa está conseguindo rentabilizar suas vendas de forma interessante, além de estar gerando mais lucro para cada real de capital próprio do acionista.

Compara-se então, na Figura 7, os indicadores P/L, ROE e Margem Líquida da Vivo Telefônica (VIVT4) com a empresa Tim Participações (TIMP3), outra companhia de telecomunicações presente no Brasil em nível nacional. A Tim não possui ações preferenciais, terminadas em “4”, portanto utilizar-se-á sua ação ordinária.

Figura 7 – Comparação de Indicadores entre Vivo Telefônica (VIVT4) e Tim Participações (TIMP3)



Extraído de: Relatórios Anuais da Vivo Telefônica e Tim Participações (2018)

A comparação entre as duas empresas deixa evidente que a Vivo possui rentabilidade bastante superior à Tim, tanto em relação à receita líquida, quanto em relação ao patrimônio líquido. Ainda assim, no entanto, a VIVT4 está com índice P/L menor que o da TIMP3. Isso demonstra que, nos preços atuais, VIVT4 está sendo negociada com desconto em relação à ação TIMP3, sua concorrente mais relevante listada em bolsa.

Com essa análise, é possível inferir que, para esse momento, VIVT4 aparenta ser uma melhor opção de investimento que TIMP3. Contudo, um entendimento mais profundo da empresa é indicado após essa análise inicial, para que se tenha certeza da consistência de resultados e que não haja nenhuma distorção nos números, que tenha favorecido a primeira em detrimento da segunda. Enfatiza-se, portanto, que o caso descrito não configura uma indicação de investimento em alguma ação específica, e visa somente exemplificar os conceitos previamente abordados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou motivações e desafios no investimento em ações, no contexto do jovem brasileiro de até 30 anos, por meio de pesquisa, e espera-se que a cartilha desenvolvida apresente informações suficientes para despertar o interesse nesse público para o mercado de ações, de forma que queiram utilizar os indicadores e parâmetros definidos no manual para iniciar suas negociações e a associação a grandes projetos das empresas listadas na Bolsa de Valores brasileira.

Além disso, ressalta-se o fato de que a educação financeira e o planejamento financeiro, principalmente a longo prazo, ainda são temas bastante incipientes no contexto atual do país, e que se deve analisar mais a fundo como abordar esses assuntos no desenvolvimento das novas gerações, para que cresçam com conceitos mais enraizados do papel do dinheiro no plano de vida das pessoas. Isso, caso aconteça, também deve contribuir para que se evitem desperdícios financeiros e desequilíbrios nas contas pessoais dos jovens, e para que procurem maneiras de potencializar seus rendimentos, pelo uso de aplicações e investimentos com suas sobras mensais de renda. Também deve ser aprofundado e disseminado o conhecimento sobre finanças comportamentais, ou seja, como o indivíduo deve se comportar e agir, frente a decisões que envolvam suas finanças pessoais.

Um terceiro ponto a ser comentado é que, ao mesmo tempo em que existem poucas pessoas ativas no mercado de ações brasileiro (por volta de 700 mil cadastros de pessoas físicas na B3), o número de empresas listadas na bolsa de valores brasileira também é bastante baixo. Em 2013, o país possuía apenas 353 empresas de capital aberto, comparando-se a países como Mongólia (329), África do Sul (348) e Bulgária (387), segundo o Banco Mundial (MORENO, 2013). É importante, com isso, que se investiguem os motivos para o patamar tão baixo de empresas listadas no Brasil, bem como a relação entre o baixo número de empresas e investidores no mercado de ações brasileiro, para se entender se um é a causa do outro, e vice-versa.

Por fim, sugere-se que pesquisas similares sejam realizadas em contextos econômico-sociais diferentes, para se avaliar a diferença na percepção das pessoas inseridas em situações geográficas, econômicas e educacionais variadas. Isso fará com

que se tenha um espectro mais amplo de entendimento sobre a relação do brasileiro com o mercado de ações atual, levando em conta a extensa diversidade encontrada no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABE, M. **Manual de Análise Técnica: essência e estratégias avançadas**. São Paulo: Novatec, 2009
- ALMEIDA, A. L. F.; CUNHA, D. P. A. **Estudo do mercado brasileiro de renda fixa e o perfil do investidor brasileiro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017
- ALMEIDA, J. A. **Mercado Fracionário: Entenda Como Comprar Menos de um Lote de Ações**. São Paulo: Suno Research, 2018
- ALVES, M. H. F.; LAMOUNIER, A. E. B.; JABUR, F. P. Internet – adicionando valor por meio de inovações descontínuas: a experiência brasileira. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 30-36, junho/2000
- AMORIM, K. A. F. et al. **A Influência da Educação Financeira na Inserção dos Investidores no Mercado de Capitais Brasileiro: um estudo com discentes da área de negócios**. RACE, Joaçaba, v. 17, n.2, p. 567-590, 2018
- ANDREZO, A. F.; LIMA, I. S. **Mercado Financeiro: Aspectos Históricos e Conceituais**. 1ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999
- ASSAF NETO, A. **Finanças Corporativas e Valor**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2012
- ASSAF NETO, A. **Mercado Financeiro**. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2010
- BM&F BOVESPA. **Emolumentos**. São Paulo, 30/03/2010. Disponível em: <http://www.bmf.com.br/bmfbovespa/pages/boletim1/bd_manual/custosop_txemolumentos.asp#topo> Acesso em: 31/10/2018
- BODIE, Z.; KANE, A.; MARCUS, A. **Investments**. 5ª ed. Boston: McGraw-Hill/Irwin, 2002.
- BORGES, D. L. Conheça as principais taxas e tarifas cobradas de quem investe em ações. **Infomoney**. São Paulo, 17 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/onde-investir/noticia/2061884/conheca-principais-taxas-tarifas-cobradas-quem-investe-acoes>> Acesso em: 12/07/2018
- BOVESPA. **Mercado de capitais**. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/pt-br/a-bmfbovespa/download/merccap.pdf>> Acesso em: 02/07/2018
- BRASIL. Banco Central do Brasil. **Ata da 213ª Reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil**

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Histórico das taxas de juros**. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/COPOMJUROS>> Acesso em: 28/05/2018

BRUNI, A. L. **Certificação profissional ANBID Série 10 (CPA10)**. São Paulo: Atlas, 20010

CAMARGO, C. **Planejamento financeiro pessoal e decisões financeiras organizacionais**: relações e implicações sobre o desempenho organizacional no varejo. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007

CERBASI, Gustavo. **Investimentos Inteligentes**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008

CHAVES, D. A. T. **Análise Técnica e Fundamentalista**: divergências, similaridades e complementaridades. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004

CHIELE, P. G. **Finanças comportamentais**: um estudo sobre a decisão de investimento dos jovens. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281901689_Efeito_educacao_financeira_no_processo_de_tomada_de_decisooes_em_investimentos_Um_estudo_a_luz_das_financas_comportamentais?enrichId=rgreq-656cd7bfce43376e593673e959c00f24-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI4MTkwMTY4OTtBUzoyNzUzOTU2NjA0ODA1MTJAMTQ0MjY3MDg1MDU0Ng%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf> Acesso em: 31/10/2018

COMISSÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS. **Mercado de Valores Mobiliários Brasileiro**. 3ª ed. Rio de Janeiro, 2014

CREMERS, M.; PAREEK, A.; SAUTNER, Z. **Short-Term Investors, Long-Term Investments, and Firm Value**. University of Notre Dame, 2017

DIMSON, E.; MARSH, P.; STAUNTON, M. **The Credit Suisse Global Investment Returns Yearbook 2018**. Credit Suisse, 2018. Disponível em: <http://csinvesting.org/wp-content/uploads/2015/03/2781_triumph_of_the_optimists.pdf> Acesso em: 31/10/2018

DIMSON, E. **Triumph of the Optimists**. Londres: Arrowstreet Capital, 2003

GITMAN, L. J. **Princípios de Administração Financeira**. 10. Ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2004

GRAHAM, B.; ZWEIG, J. **O Investidor Inteligente**. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015

HARFORD, J.; KECSKÉS, A.; MANSI, S. **Do Long-Term Investors Improve Corporate Decision Making?** University of Washington, 2017

HAYNE, A. O. **A Abertura de Capital de Empresas no Brasil: o caso da Natura S/A.** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012.

HELFERT, Erich A. **Técnicas de Análise Financeira: Um guia prático para medir o desempenho dos negócios.** 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000

INFINITY ASSET MANAGEMENT. **Ranking Mundial de Juros Reais – Jul/17.** Disponível em: <<http://moneyou.com.br/wp-content/uploads/2017/07/rankingdejurosreais240717.pdf>> Acesso em: 02/07/2018

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Choices, Values and Frames. **American Psychologist.** v. 39, n. 4, 341-350, 1984

KOBORI, J. **Análise fundamentalista: como obter uma performance superior e consistente no mercado de ações.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012

KUMAR, P. **Impact of Earning per Share and Price Earnings ratio on Market Price of Share: a study on auto sector in India.** India: International Journal of Research – Granthaalayah, 2017

LARGHI, N.; COTIAS, A. Mercado de capitais mais ativo amplia riqueza no país. **Valor Econômico**, São Paulo, 06 jul. 2018. Finanças, p. C10

LEITE, P.; BION, B.; COELHO, L. Renda fixa é atraente, mas não para sempre. **Estadão**, São Paulo, 06 mar. 2017

LINHARES, R. S. **O mercado de capitais como alternativa em tempos de baixa na SELIC: opções para o investidor ingressante na renda variável.** Brasília: Universidade de Brasília, 2018

LOVATO, B. N. **Finanças pessoais: Investimentos de Renda Fixa e Renda Variável.** Florianópolis, 2011

MANZATO, A. J.; SANTOS, A. B. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa.** Unesp, 2012. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf> Acesso em: 11 jul. 2018

MARION, J. C. **Contabilidade empresarial.** 15. ed. São Paulo: Atlas, 2009

MARQUES, A. **Conceção e Análise de Projetos de Investimento.** 4ª ed. Lisboa: Sílabo, 2014

MARTINI, M. F. G. Renda fixa versus renda variável: uma análise descritiva entre as rentabilidades dos investimentos. **Revista Especialize On-line IPOG**, 5ª ed. Goiânia, 2013

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços**: abordagem gerencial. 7.ed., São Paulo: Atlas, 2010.

MOREIRA, M. Fusão entre BM&FBovespa e Cetip cria a B3, 5ª maior bolsa de valores do mundo. **Agência Brasil**, São Paulo, 30 mar. 2017

MORENO, F. Bovespa tem a mesma quantidade de empresas que bolsa de Mongólia e Vietnã. **Infomoney**. São Paulo, 24/05/2013. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/acoes-e-indices/noticia/2785114/bovespa-tem-mesma-quantidade-empresas-que-bolsa-mongolia-vietna>> Acesso em: 21/11/2018

MOTA, M. C. **Análise das Demonstrações Contábeis**: um estudo de caso em um supermercado do sul de Santa Catarina, com enfoque no balanço patrimonial e demonstração do resultado do exercício. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2017

NETO, A. S. et al. **O diferencial no impacto dos resultados contábeis nas ações ordinárias e preferenciais no mercado brasileiro**. São Paulo, 2005

NETO, D. T. **Análise dos indicadores relacionados ao fluxo de caixa**: estudo de caso em um resort de praia no Sul do Brasil. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018

NORONHA, M. **Análise Técnica**: Teorias, Ferramentas, Estratégias. Rio de Janeiro: Editec, 1995

OECD. **OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies**. 2016

OLIVEIRA, L. **Balanço Patrimonial**: o que é, para que serve e como analisar. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://capitalsocial.cnt.br/balanco-patrimonial/>> Acesso em: 31/10/2018

OLIVEIRA, M. P. S. de. **Indicadores Fundamentalistas e sua relação com o retorno futuro de ações no Mercado Brasileiro**. Uma abordagem no período de 2000-2009. Brasília, 2011

PAGNANI, E. M.; OLIVIERI, F. J. Instrumentos de Avaliação de Desempenho e Risco no Mercado Acionário Brasileiro: um estudo de anomalias de mercado na Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA). **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, 2007

PELICIOLO, A. F. **A Relevância da Educação Financeira na Formação de Jovens**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011

PEREIRA, P. DE S. **Análise dos investimentos em ações no Brasil (1986-2005)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006

PEZZI, M. R.; ERSCHING, A. **Utilização da linguagem de cartilha para apresentação do mercado de capitais como alternativa ao pequeno investidor**. VII Convibra Administração, 2010

PINHEIRO, J. L. **Mercado de Capitais**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2016

REIS, T. G. **Os indicadores mais importantes em uma análise**. São Paulo: Suno Research, 2017

REIS, T. G.; TOSETTO, J. **Guia Suno Dividendos: aprenda a selecionar ações que geram renda**. 1. ed. São Paulo: Suno Research, 2017

RIBEIRO, A. P. Quando se trata de educação financeira, Brasil fica mal na foto. **O Globo**, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/negocios/quando-se-trata-de-educacao-financieira-brasil-fica-mal-na-foto-20385966>> Acesso em: 13/06/2018

ROGERS, P.; FAVATO, V.; SECURATO, J. R. **Efeito educação financeira no processo de tomada de decisões em investimentos: um estudo a luz das finanças comportamentais**. São Paulo, 2018

SACHETIM, H. M. **Análise Técnica: estudo da confiabilidade dos principais indicadores de análise técnica, aplicado às ações mais negociadas na BOVESPA no período de 1995 a 2005**. Curitiba: UFPR, 2006

SILVA, J. P. **Análise financeira das empresas**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007

TAVARES, A. de L.; SILVA, C. A. T. A análise financeira fundamentalista na previsão de melhores e piores alternativas de investimento. **Revista Universo Contábil**, v.8, n.1, p. 37-52, 2012

TRADING ECONOMICS. **United States Fed Funds Rate**. Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/united-states/interest-rate>> Acesso em: 28/05/2018

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação Financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do Norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, v. 9, n. 3, 2011

WAINBERG, R. **Benchmark: descubra as 3 referências mais usadas no Brasil**. Suno Research, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.sunoresearch.com.br/artigos/benchmark/>> Acesso em: 15/10/2018

WINGER, B.; FRASCA, R. **Investments: Introduction to analysis and planning**, 3. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1995

Apêndice A – Questionário

Avaliação do nível de entendimento sobre investimentos e o mercado de ações, além das principais dificuldades para investir nessa modalidade

Seção 1 – Informações Básicas

Qual sua faixa etária?

- a) < 20 anos
- b) 20-23 anos
- c) 24-26 anos
- d) 27-30 anos
- e) > 30 anos

Qual seu nível de escolaridade?

- a) Ensino Médio Incompleto
- b) Ensino Médio Completo
- c) Ensino Superior Incompleto
- d) Ensino Superior Completo
- e) Pós-Graduação Completa (MBA, Mestrado, Doutorado etc)

Em que estado você mora?

Possui alguma fonte de renda regular?

- a) Não
- b) Sim, até R\$ 1000
- c) Sim, de R\$ 1001 a R\$ 2500
- d) Sim, de R\$ 2501 a R\$ 3500
- e) Sim, acima de R\$ 3500

Qual das categorias abaixo representa a maior parcela dos seus gastos mensais?

- a) Saúde (Ex.: Médico, Remédios, Academia)
- b) Contas (Ex.: Luz, Aluguel, Água)
- c) Transporte (Ex.: Combustível, Ônibus, Táxi)
- d) Alimentação (Ex.: Mercado, Refeições)
- e) Lazer (Ex.: Festas, Restaurantes, Cinema, Viagens)
- f) Outros, favor descrever: _____

Quais investimentos você conhece/sabe utilizar? (Marque todos que conhecer/souber utilizar)

- a) Não conheço nenhum
- b) CDBs, RDBs
- c) LCIs, LCAs
- d) Tesouro Direto
- e) Poupança
- f) Ações

- g) Debêntures
- h) Fundos (Multimercado, Renda Fixa, Índice etc)
- i) Outros, favor descrever: _____

Geralmente, sobra dinheiro no fim do mês?

- a) Não
- b) Sim, e guardo na poupança
- c) Sim, e guardo em espécie/deixo na conta corrente
- d) Sim, e invisto

Seção 2 - Respondeu que não sobra dinheiro no fim do mês

É possível reduzir seus gastos, de forma que sobre no fim do mês?

- a) Não
- b) Sim

Seção 3 - Respondeu que sobra dinheiro, mas guarda na poupança, em espécie ou na conta corrente

Qual(ais) a(s) maior(es) dificuldade(s) que você encontra para investir em ações?

(Escolher no máximo 3 opções)

- a) Tenho pouco dinheiro para investir
- b) É muito arriscado
- c) Não tenho sorte
- d) Não tenho conhecimento sobre o mercado de ações (qual o passo-a-passo para investir)
- e) Não acho lucrativo
- f) Não sei avaliar as oportunidades
- g) Outros, favor descrever: _____

Quanto dinheiro você acredita ser o mínimo necessário para investir em ações? (Em R\$)

R.: _____

Seção 4 - Respondeu que sobra dinheiro e investe

Em que modalidades você investe atualmente?

- a) CDBs, RDBs
- b) LCIs, LCAs
- c) Tesouro Direto
- d) Poupança
- e) Ações
- f) Debêntures
- g) Fundos (Multimercado, Renda Fixa, Índice etc)
- h) Compra e venda de imóveis
- i) Outros, favor descrever: _____

Qual(ais) a(s) maior(es) dificuldade(s) que você encontra para investir em ações?
(Escolher no máximo 3)

- a) Não tenho dificuldades
- b) Tenho pouco dinheiro para investir
- c) É muito arriscado
- d) Não tenho sorte
- e) Não tenho conhecimento sobre o mercado de ações (qual o passo-a-passo para investir)
- f) Não acho lucrativo
- g) Não sei avaliar as oportunidades
- h) Outros, favor descrever: _____

Quanto dinheiro você acredita ser o mínimo necessário para investir em ações?

R.: _____

Caso você invista em ações, qual das opções abaixo mais se aproxima de seu objetivo principal?

- a) Não invisto em ações
- b) Comprar na baixa e vender na alta, no curto prazo
- c) Receber fluxo de renda das empresas, no longo prazo (através de distribuição dos lucros)
- d) Manter ações de empresas por alguns anos e ganhar com sua valorização
- e) Não tenho um objetivo definido, uso várias estratégias, para ganhar dinheiro no mercado

Você conhece a Análise Fundamentalista e a Análise Técnica para investir em ações?

- a) Somente a Fundamentalista
- b) Somente a Técnica
- c) Conheço as duas
- d) Não conheço nenhuma